

# II FUTURO II

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA mocidade á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura :

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1\$300 rs. — Semestre 750 rs. (francos de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

### Advertencias

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3. Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do futuro, rua de D. Pedro 5.º n.º 13.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

3.º ANNO

PUBLICA-SE AS SEXTAS FEIRAS

NUMERO 420

BRAGA 20 DE NOVEMBRO DE 1873

### A sociedade.

Alta e orgulhosa caminha a sociedade actual, levando na intelligencia o sinistro projecto de viver sem Deus, no coração o sentimento immoral d'um egoísmo depravado. Não ha ahí affecto que não tenha corrompido, ideia que não tenha desvirtuado, sentimento que não tenha desmoralisado, desde a mais simples noção de direito, até á concepção mais elevada do pensamento, tudo confundiu, baralhou e alterou na forma e substancia. Ao direito da força chamou-lhe força do direito; á philantropia deu-lhe o nome de caridade, ao egoísmo o nome de bem-estar, ao capricho o nome de honra. Qual será a sorte que Deus reserva a esta sociedade carcomida até os fundamentos? A Providencia que vela pelo homem, creatura sua, com tanto cuidado e carinho, não pôde deixar de velar pela humanidade. A historia, esse livro tão grandioso como o da natureza, é a um tempo a revelação do homem e da Divindade. Em todas as épocas o homem se tem rebelado contra o Criador e repetido aquellas palavras fataes que o primogenitor da raça prevaricada dissera no eden terreal, por conselho da serpente infernal: *eritis sicut Dei*, seréis igual a Deus, e tambem em todas as épocas Deus tem castigado o homem punindo-lhe o orgulho da intelligencia e a soberba do coração. Umas vezes desmorona os thronos, faz que rolem até o cadafalso as coroas e os sceptros, outras vezes deixa que em luctas estereis se verta o sangue d'irmãos nascidos para viverem abraçados n'um grau de principio de verdade. As guerras e luctas intestinas, que tantas vezes tem ferido o coração dos povos, são sempre a manifestação dos designios da Providencia. O baptismo de sangue e fogo que tem purificado a sociedade todas as vezes que ella tem descido toda a escaia das degradações humanas, é hoje como sempre a grande medida da Providencia, para salvar a geração presente, que se redimioha no labutar insano de prazeres degradantes.

O socialismo, confundindo todas as classes e posições, e nivelando todas as fortunas á luz sinistra do petroleo, é o meio providencial destinado a purificar as nações que se tem desviado de Deus. Deixemos que o anjo exterminador sacrifique as victimas impuras da revolução no altar do sangue e das chamas; não tocará naquelles em cujas portas estão escriptas as palavras do grande livro: *obedecemos a Deus*. A revolução hade suicidar-se porque tem na base os elementos de sua ruina e desesperação. A sociedade actual hade voltar-se para Deus quando reconhecer que os males que a devoram não tem remédio, senão voltando ás instituições que a tornaram feliz por tantos seculos.

### 25.º anniversario imperial de Francisco José, imperador de Austria.

L'empereur François Joseph accepte par nécessité une politique qui n'est pas conforme à ses sentiments intimes. *Journal des Débats*, 30 de setembro de 1873.

Aos 2 de dezembro do corrente anno cae o jubileu imperial de Francisco José I, imperador d'Austria e rei de Hungria, que subiu ao throno em 1848, anno bem tempestuoso para toda a Europa. Nasceu S. M. a 12 de agosto de 1830, e neto de Fernando I e filho primogenito do archiduque Francisco Carlos e da princeza Sophia, filha de Maximiliano José rei da Baviera. Era, ainda antes de sentar-se no throno, admirado em toda a Austria pelo seu talento, pelo seu saber e por sua indole nobilissima. Fallava corrente e elegantemente todas as linguas do imperio. A archiduchessa Sophia sua mãe e o conde de Bombelles seu tio, lhe haviam cultivado a mente perspicacissima e influido no coração espiritos dignos d'um imperador Apostolico.

Fernando I, caçado de reinos em dias tão calamitosos, veio a abdicar em Olmutz, aos 2 de dezembro de 1848, em favor de seu irmão o archiduque Francisco Carlos, e no mesmo dia cedeu este os

proprios direitos em seu filho Francisco José, que fôra declarado maior na idade de dezoito annos. A 3 de dezembro teve lugar a inauguração do novo imperio em Olmutz, no paço archiepiscopal do ex.º sr. D. Somerean Beckh, que depois foi cardinal da santa Igreja. Assim o novo imperio austriaco nasceu á sombra do santuario.

Quando a 7 de outubro Fernando I por causa da revolução teve de deixar Schoenbrunn, um arcebispo o recebeu em sua casa com respeito affecto, e foi tambem ahí que Francisco José encontrou a primeira hospitalidade. Memórias são estas que difficilmente se desvanecem.

Pouco tempo depois da coroação do joven imperador, seu tio o conde de Bombelles adoeceu mortalmente. Era um fervoroso catholico e dividindo na legislação josephina o encargo da monarchia austriaca, bem como o regalismo o havia sido da monarchia franceza, tinha-se esmerado em instruir bem sobre este ponto o seu augusto alumno preminindo-o contra os preconceitos do governo e da corte. Estando já próximo a fallecer o foi visitado o imperador Francisco José, como quem o amava extremamente, e depois de lhe expressar quanto sentia suas dores, lhe perguntou com que favor poderia consolal-o.

O generoso conde esquecido de si e pensando sómente na Igreja catholica sua mãe, e no bem do amado alumno, assim fallou: — Senhor, uma graça tenho que pedir-vos, e se m'a concedeis, morro contente. — Fallae francamente, tornou o imperador, que eu para vos contentar prompto estou a conceder-vos tudo. — Vós, Senhor, bem sabeis, continuou o conde com mais acento, as maximas em que vos eduquei e o que vos disse e mostrei acerca da legislação que opprime a Igreja austriaca; mostraveis bem comprehendendo que em primeiro lugar o vosso dever é secundariamente o vosso proprio interesse vos impunham a obrigação de restituir á Igreja no imperio a liberdade de que sacrilegamente fôra despojada. Prometta-me V. M. desempenhar este acto de reparação e de avizada politica, e esta palavra dada por V. M. será para mim a mais assignalada mercê.

O imperador commovido por tão generosas palavras, disse apertando a mão do moribundo: — Ide contente, conde, eu vos prometto que hei-de ser fiel ao que vós me ensinastes e cumprir tudo o que me pedis.

Estes particulares foram referidos em 1831 pelo conde de Lobzeltow, antigo diplomatico austriaco. Francisco José I não fallou á palavra, a 5 de novembro de 1853 declarava: — Desde que nós por disposição do Todopoderoso subimos ao throno de nossos antepassados, endereçamos nosso incessante cuidado a renovar e consolidar as bases moraes da ordem social e da felicidade dos nossos povos. Ainda mais considerámos um dever sagrado pôr em harmonia as relações do Estado attinentes á Igreja catholica, com a lei de Deus e tambem com o proveito bem entendido do nosso imperio; no qual intuito emanamos para uma grande parte, depois de ouvirmos os Bispos das respectivas provincias, nossas ordenações de 18 e 13 de abril de 1850, e mediante ellas temos satisfeito a muitas precisões urgentes da vida ecclesiastica. Para conconcluir esta obra abençoada, fazemo-nos em relação com a Santa Sé e a 18 de agosto (1853) estipulamos a convenção com o Supremo Cabeça da Igreja.

Desde aquelle momento desencadeou-se o furor do inferno contra o imperio austriaco. Então, como nos tempos de Job, Satanás compareceu na presença do Altissimo, que lhe dizia: — Não viste o grande imperador da Austria com que denodo reconhece meus direitos e é fiel á minha Igreja? — E Satanás responde que esse imperador fôra sempre favorecido, vencendo a revolução na Italia e na Hungria, logrando a preeminencia na Europa. — Deixae, continuou Satanás, deixae-me a mim contrastal-o e avexal-o por algum tempo, e vereis se elle não faz como os demais reis e imperadores.

E Deus então por seus justos e sapien-

tissimos designios, outorgou ao espirito das trevas plena liberdade sobre o imperio e o imperador d'Austria.

E Satanás soltou contra Francisco José tres ministros seus, os mais destros, Bonaparte, Cavour e Bismark, os quaes o reduziram a bem lastimoso estado.

De todo em todo, cumpre confessar que Francisco José não teve então nem a paciencia, nem a constancia de Job. Aquelle beijo e aquelle abraço tremendo que Napoleão III deu em Villa-franca ao imperador austriaco, infundiu-lhe uma farta porção de seu veneno; e a Igreja, lá tornou a carpir-se no imperio Apostolico, e carpiando-se está ainda hoje!

Diz-nos o *Journal des Débats* que certas necessidades politicas, tem influido e estão influido no proceder do imperador, mas que sempre conserva os seus sentimentos intimos. Perante o tribunal d'essa gazeta as necessidades politicas podem ser uma desculpa; não o são, porém, sempre no tribunal de Deus. A nós agradam-nos reis, como Pio IX, que, sendo mister, perdem bens, casa e liberdade; mas não quebram a sua fé, e com a bocca professam sempre os sentimentos que nutrem no âmago do coração. E talvez acontece que os sentimentos intimos, escondidos e bem dissonantes ás obras exteriores, longe de relevarem a culpa, servem só de aggravar-a. Até certo ponto tambem nós desculpamos, porém a nossa penna quer escrever sempre e a todos a verdade e não adular a ninguém.

Ainda assim lembrando-nos do que fez Francisco José I em pro da Igreja e do Summo Pontifice, tomaremos parte nas festas do seu 25.º anniversario imperial, maiormente com a certeza que temos de ver cedo ou tarde voltar o seu imperio aos principios do mesmo. O espirito do conde de Bombelles adeja sempre da redor do imperador, e as ultimas palavras do illustre finado ainda lhe não passaram da memoria. Por ventura Francisco José não está aguardando senão um grande rei enthronado na França para travar-lhe da mão e ambos irem consolar o animo atribulado de Pio IX. De mais a mais, durante a questão do Oriente, foram os enganos de Bonaparte, e mais tarde a sua guerra d'Italia, que levaram a monarchia austriaca ao resvaladouro onde se embrenhou; e quem sabe se da mesma França, d'onde proveio o mal, não advirá tambem o remedio!

Na verdade, o Conde de Chambord e Francisco José são duas almas nobilissimas, formadas para se intendorem e procederem concordes. E quando duas potencias catholicas como a Austria e a França se estreitassem n'uma liga sincera, a Europa então poderia esperar por um melhor futuro. Mas a nós não nos pertence fazer conjecturas, nem pôr tractados ou adivinhar soluções. Apenas podemos manifestar um voto, e vem a ser que em Roma continuem a gritar *Viva a Austria* (como gritaram por occasião da ida de Victor Manuel a Vienna), mas que tambem acrescentem o brado de *Viva a França*, e que a França, Austria, Italia e todo o universo acclamem a Pio IX.

(Traduzido da *União Catholica*, n.º 231 d'este anno.)

### A republica divina.

(Conclusão)

Sede por tanto firmes, não só em vossas casas, com vossos filhos; senão tambem empenhae todo o vosso poder, por palavras e obras, em tornar impossivel a lephristianização do ensino em nosso paiz. Ora se fordes inabalaveis em vossa fé, plena e inteira, a educação não perderá nunca n'estes reinos o seu caracter religioso. Agora estamos em uma crise; a maré parece hesitar entre o fluxo e o refluxo. Recordamos que as crianças de hoje são as prophcias do porvir.

Mais uma geração de homens educados fôra do Christianismo e a Inglaterra irá abysmar-se em uma republica anti-christã. Como a seara sabe da semente, assim cada semente contém o seu proprio fructo; assim tambem uma educação sem Christismo não pôde produzir outra seara. Os judeus tem dois notaveis proverbios: eis o primeiro: « O Estado é sustentado pelo

respirar das escholas infantis » isto é pelas orações e obediencia da mocidade.

Por outras palavras, é firme o Estado em que os filhos do povo são educados no temor e amor de Deus.

Eis o segundo proverbio: « Deve-se suspender a construção do templo para fazer educar as crianças », porque ainda que o diuheiro fosse empregado em edificar a casa material de Deus, é esbanjado, perdido dissipado se as crianças ficam sem educação.

Depois de ter procurado mostrar-vos um esboço de tres pinturas, vou dar-vos n'uma palavra a conclusão do meu ensaio: *Não ha sociedade sem Deus, e sem sociedade não ha comunidade humana*. Pôde haver, sem isto, um ajuntamento de figuras d'homens; porém a vida humana organizada, — a social do genero humano — é impossivel sem o temor de Deus, sem o amor de Deus, sem a lei de Deus.

Onde, essas cousas faltam, ahí está a anarchia, a desordem, a confusão, o suicidio promeditado dos governos e dos povos.

O Vigario de Jesus Christo está hoje nas mãos d'uma rebellião anti-christã e o mundo exulta pensando ter enfim ganho a victoria. Vós talvez estejais tristes e abatidos por causa dos ultrajes e dos insultos arremessados contra elle: Sim podemos estar tristes, mas abatidos jámais.

Ha dezoito seculos que o Vigario de Jesus Christo se assentou sobre esse throno e viu passar um imperio de Constantinopla; viu desaparecer um imperio franco; não sei quantos imperios, saxão, suabio, bavaro, desceram da Alemanha e desappareceram como sombras; viu os dois imperios da França (e onde estão elles?); viu, em fim, antes da epocha actual uma lista de reis de Roma. Viu tambem vinte e dois anti-papas (tive o trabalho de contal-os). Viu uma multidão de sacrilegios, e hoje vê um mais. O que Pedro, tranquillamente assentado na sua barca, via ha 1.800 annos: furacões, tempestades, correntes, turbilhões, trombas, tudo isso elle vê hoje, isto é, o desencadeamento da profunda iniquidade dos homens. Em torno d'elle remos e imperios desmoronam-se e cahem; raças e povos dispersam-se como se desfaz a escuma batida pelo vento; e Elle, firme e immutavel, conservar-se-ha até o fim dos seculos.

Não vos assusteis, pois, porque o Filho de Deus caminha sobre as proprias profundezas, levando Pedro pela mão.

E Pedro é salvo, não só por ser assim sustentado, senão porque Pedro nunca duvida. Não sabe desfallecer a sua fé; o seu successor é infallivel. Por tenebrosa, que seja, por sobre nossas cabeças, a noite, a Estrella do mar brilha e as luzes do firmamento são em multidão, que ninguém pôde contar. Em meio está o Pai das luzes e a sua guarda e o seu poder velam por sua Igreja.

Agora já se não dirigem a Pedro, nem a seus successores as palavras de Jesus: *Homens de pouca fé, porque duvidaes?* (S. *Matheus* XIV, 31.)

### Decreto da Sagrada Congregação do Indice condemnando varias obras.

A Santa Congregação dos Em.ºs e Rev.ºs Cardeaes da S. R. Igreja pelo Nosso Santissimo Padre e Santa Sé Apostolica encarregados do Indice dos livros de más doutrinas, e delegados para a sua proscripção, correção e permissão em toda a sociedade christã, na sessão celebrada no palacio apostolico do Vaticano no dia 14 de julho de 1873, e ultimamente a 26 de agosto do dito anno, condemnou e condemnou, prescreveu e prescreve, ou já condemnadas e proscriptas mandou inserir no indice dos livros prohibidos as seguintes obras:

D'Orient A. — Des Destinées de l'ame avec des considerations prophetiques pour reconnoitre le temps présent et les signes de l'approche des derniers jours; nouvelle édition... précédée d'un appel aux catholiques de bonne foi et au futur concile. Paris 1868. Decr. 14 Jul. 1873.

I Gesuiti e la Republica di Venezia, documenti diplomatici sulle male azioni dei Gesuiti contro la Republica, raccolti per decreto del Senato 11 Giugno 1606 e

publicati per la prima volta, con annotazioni, dal Cav. Prete Giuseppe Cappelletti veneziano, nella ricorrenza del centenario della soppressione di quelli, decretata a di 21 Luglio 1773 dal Papa Clemente XIV. Venezia 1873. Decret. eod.

Buchmann T. — Die unfreie und die freie Kirche in ihren Beziehungen zur Sclawerei, zur Glaubens- und Gewissenszwangnei und zum Daemonismus. Breslau 1867. Latine vero: De Ecclesia serva et libera, eiusque relationibus ad servitum, ad tyrannidem in rebus fidei et conscientiae, et ad Daemonismum. Wratislaviae 1872. Decr. 26 Aug. 1873.

Frohschammer G. — Das neue Wissen, und der neue Glaube mit besonderer Berücksichtigung von D. F. Strauss neueste Schrift: *«Der alte und der neue Glaube»*; Leipzig 1873. Latine vero: Nova fides, etc. Lipsiae 1878. Decr. 26 Aug. 1863.

Huber D. Ioan. — Die Jesuiten — Orden nach seiner Verfassung un Doctrin, Wirksamkeit und Geschichte characterisirt. Berlin 1873. Latine vero: Ordo Iesuitarum designatus secundum propriam constitutionem, doctrinam, etc. Berolini 1873. Decr. 26 Augusti 1873.

Die theologischen Studien in Oesterreich etc. Wien 1873. Latine vero: Studia theologia in Imperio Austriaco etc. Viennae 1873. (Decr. S. Off. Fer. IV. 30 Apr. 1873.) Auctor laudabiliter sese subiecit.

Poortanto ninguém, de qualquer grau e condição, onse em qualquer lugar a lingua que seja, ou de futuro, publicar, ou publicadas ler ou reter as ditas obras condemnadas e proscriptas, mas seja obrigado a entregal-as aos prelados das localidades, ou aos iquisidores da maldade heretica sob as penas fulminadas no indice dos livros prohibidos.

O que tendo sido referido ao Nosso Santissimo Padre o Papa Pio IX por mim secretario da Sagrada Congregação do Indice, abaixo assignado, Sua Santidade approvou o decreto, e ordenou que fosse promulgado. Em fé de que etc. Dado em Roma no dia 30 de agosto de 1873. — Antonio, Cardeal De Sena, prefeito. — Fr. Jeronymo Pio Saccheri, da Ordem dos Pregadores, secretario da Sagrada Congregação do Indice.

### A França depois da retirada dos allemães.

Com este titulo publicou a *Civiltà Catholica*, no seu fasciculo de 6 de agosto, um importante artigo, traduzido pelo excellentissimo semanario o *Echo de Roma*, que julgamos de muito interesse dar a conhecer aos nossos leitores, pela grande auctoridade de que goza aquella folha em todo o mundo. Eis o artigo:

O mez de setembro de 1873 será memoravel nos fastos da França, assim como o mez de julho de 1870. Porquanto n'este teve começo essa serie de desgraças e humilhações militares e civis que n'aquelle tem o termo desejado. N'aquelle julho a França quasi desarmada, foi arremessada imprudentemente por um punhado de insensatos ás garras da aguia prussiana que tendo a dilacerado cruelmente pelo espaço de tres annos, só n'este setembro larga o ultimo pedaço do seu dilacerado corpo. N'aquelle julho perdeu a nação franceza a sua liberdade, e n'este setembro torna a recuperal-a.

Enquanto no seu territorio fervia a guerra desastrosa encetada com a derrota de Worb, e encerrada com a rendição de Paris, todos, amigos e inimigos, duvidavam que se tornasse a levantar do seu abatimento, ou que, se o conseguisse, podesse isso acontecer antes de longo espaço de tempo.

A dissolução dos seus exercitos tomados em massa, ou derrotados e aniquilados pelas legiões allemãs; a imposição enorme de 5.000 milhões de francos que cruelmente foi imposta pelo vencedor lusaciavel, como ajuste da sua retirada; as discordias intestinas dos partidos, a anarchia no commando, e a audacia dos socialistas, que preparam a infame communa dos Ranc e dos Cluseret, eram factos taes, que davam razão para duvidar da sua futura resurreição.

E quem não leu ou ouviu estas mil prognosticos aziagos sobre o porvir da França? E quem ha que se não lembre

das alegrias do liberalismo anti-christão da Italia, que da queda irremediavel do poder francez deduzia o seu indestructivel triumpho na Roma dos Papas?

Ora eis que em tres annos somente estão reparados em grande parte os males de tamanha catastrophe; eis o seu exercito refeito, e em caminho de se duplicar; eis o socialismo deprimido no seu seio; eis o espirito publico dos seus povos, ensinados pela desgraça, procurar na religião o fundamento de ordem e de prosperidade, que debalde procurou nos delirios da incredulidade; eis os milhares pagos sem que por isso a nação se esvasse e descarnasse; eis o territorio que lhe ficou depois da paz de Francfort, livre da occupação inimiga; eis os dois ramos da antiga dynastia reconciliados; e eis á sua testa um governo forte, sabio, christão, que sabe e quer ser prudente, mas não servil ou covarde com qualquer que seja dos seus inimigos internos ou externos.

Este bello acontecimento que agora se está realisando, da retirada dos allemães dos confins da França, e de uma França posta nas inesperadas condições politicas, militares, financeiras e religiosas em que se acha ao presente, com razão dá hoje materia a todo o jornalismo europeu de presagios, e discursos varios, segundo a diversidade dos animos e das paixões. O que prova quão elevado posto conserva ella ainda no congresso das nações, e quão grandes são, na opinião de todos, os seus destinos no mundo.

O que mais geralmente desagrada ao liberalismo que traz em sobresalto a Europa, é ver a França restituída á sua liberdade no momento em que se mostra circumspecta no governo e na maioria dos seus cidadãos, e determinada a confessar-se de novo christã com as suas leis, e monarchica com a sua politica e instituições. Uma França que protestando ser filha promogenita da Igreja, faz votos populares pela libertação do Papa prisioneiro no Vaticano, e eleva preces solemnes nos templos e santuarios mais celebres das suas provincias; uma França assim irrita o liberalismo, que por isso lhe arremessa uma nuvem de vis improperios no momento em que a Prussia retira das suas fronteiras as ultimas tropas que as tinham em refens.

Mas o liberalismo debalde espera metter-lhe medo com as suas affrontas e ameaças. O povo francez, justamente observa um escriptor allemão, tem sempre feito o que lhe tem parecido sem se importar com o que os estrangeiros pensavam ou diziam. Hoje tambem, apesar das iras libertinas, trata energicamente de se restabelecer. E' isto o que melhor distingue um povo verdadeiramente grande que nunca se abaxa a imitar ninguém servilmente, e não faz caso das censuras nem dos remoquez inspirados pelo interesse. O liberalismo vulgar continue embora a chasquear cnicamente o que a França agora faz; o astro do dia nem por isso muda o seu curso. Esses mesquinhos detractores não tardarão a ser reduzidos ao silencio pelo poder dos factos esperancosos que vemos succederem-se. Compreendemos muito bem que os apóstolos do progresso devam estar furiosos, pois com uma exactidão quasi mathematica podem-se predir as consequencias salutaras e duradouras que os actuaes acontecimentos da França hão de ter em toda a Europa. O liberalismo como por instincto sente vacillar de baixo dos pés o throno d'onde domina quasi exclusivamente. A França ora, e o liberalismo estremece. O reino de S. Luiz que ora, é necessário que de um ou de outro modo, torne á sua antiga grandezza (1). Quer isto dizer, accrescentamos nós, é necessário que torne a ter ordem no interior, e a ser respeitado e temido exteriormente.

Como se reorganizará internamente, e como procederá com os seus inimigos externos?

Quem imparcialmente considera as tendencias que prevalecem hoje no seu governo, e na maioria das suas populações, deverá confessar que a França á passos largos não só entra na politica chamada conservadora, mas aproxima-se do restabelecimento de uma monarchia diferente das quatro que se seguiram depois da primeira V, escrevia Proudhon, desde 1834 a Jernymy Bonaparte, e como o que é logico cedo ou tarde acontece, por isso Henrique V tornará.

Repetimul-o: se a França ha de viver, não pode estabelecer-se nem sobre um cesarismo espuirio, que já por tres vezes a deu a despedaçar aos estrangeiros; nem sobre um liberalismo pernicioso que logo

(2) Estas e semelhantes confissões leram-se em julho passado em todos os jornaes conservadores que reprovaram o projecto dos socialistas, de festejar o anniversario da tomada de Bastilha, primeiro passo para a revolução. Não só os jornaes catholicos fallaram d'este modo mas o Monitor Universalle, o Constitutionnel, o Paris-journal, a Patrie, o Figaro, a Presse, o Journal da Paris, e outros. Nunca, desde ha oitenta annos, se tinha visto na imprensa de Paris um consenso tão unanime de condemnação da revolução franceza.

diante dos olhos o exemplo da Hispanha que a Providencia não deu aos povos vizinhos para que seja esteril de bons fructos.

Não se querendo portanto perder na voragem do socialismo, cumpre-lhe estender os braços para um monarcha, que com instituições conformes com as suas tradições historicas, e com as suas necessidades modernas, a salve da ruina, a faça florescer, e a exalte ao grau de poder que lhe compete.

Desgraçadamente nem todos os homens da França dedicados á causa da ordem, estão pelo mesmo modo persuadidos da inutilidade dos simulacros legaes. Alguns confiam n'uma republica monarchica, outros esperam n'uma monarchia republicana. Estes não acabam de se convencer que uma republica sem republicanos, e que abunda em socialistas, deve logicamente degenerar em anarchia similhante á communa de Paris, e que uma monarchia sem os titulos legitimamente reaes, e sem os verdadeiros direitos monarchicos, não pôde deixar de degenerar n'um d'esses governos desordenados que se succederam á queda de Luiz Philippe e de Napoleão III. Como toda a ficção da republica se resolve na realidade de dias similhantes ao dia 9 de dezembro de 1851, e de 18 de março de 1871, assim tambem toda a ficção de monarchia se resolve na de dias similhantes a 24 de fevereiro de 1848 e a 4 de setembro de 1870.

A França revolta por oitenta annos de terremotos politicos já não é nação para cuja ordem social possa servir de base, nem sequer passageira, uma fraca ficção do direito. Ou ha de assentar sobre a verdade de uma monarchia legitima, ou ha de cair no precipicio; ou ha de aceitar da mão do seu rei a salvação, ou depois de mortaes convulsões ha de morrer despedaçada como a Polonia, ou embarborecida como a Hispanha.

Esta diversidade de pareceres nos francezes judiciosos e de sã razão é a causa de se ter demorado até agora, e de se demorar ainda mais a definitiva constituição do seu paiz. Mas continuando o novo governo de Versailles a proceder como hoje, e contemporizando com sabedoria em espectação dos acontecimentos providenciaes de que a sua propria elevação ao poder é um penhor salutar, é muito verosimil que aplaurá o caminho ao throno de Henrique V, unico rei possivel em França, e o unico que pelo legitimo direito pôde trazer os principios restauradores da ordem, e regeneradores do esplendor francez.

No mais apesar da divisão das tendencias e dos affectos no partido dito de ordem, a luz cada vez mais se manifesta. N'esta massa que comprehende além dos dois terços da gente que pensa e raciocina com a propria cabeça, começa-se a reconhecer e a protestar que o idolo da revolução adorado até agora em França, não merece mais que desprezo e abominação; pois essa revolução de 1789 não foi senão um grande engano, e um grande horror, fonte de infinitos males e de execraveis delictos (2).

Por isso ao primeiro quesito, de como a França, reconquistada da sua liberdade, se organizará, parece-nos que se pôde responder: Se a França enquanto nação tem de viver, organizar-se-ha com uma monarchia legitima. O modo com que ha de chegar a este termo, e o tempo, são imprevistos e imprevisiveis, pois está isso nos segredos de um futuro, que só Deus conhece, porque só Elle o prepara. Mas está na necessidade dos acontecimentos, ou melhor nas leis da Providencia, que o seculo encetado em França com a promulgação dos direitos do Deus homem, e decapitação do seu rei, se encerre alli com a promulgação dos direitos de Deus, e exaltação do ultimo descendente do rei decapitado. Tal é o descejo de muitos homens honestissimos dentro e fóra da França; e sem embargo do furioso liberalismo que invoca um terceiro imperio com o filho de Luiz Napoleão Bonaparte, ou um segundo reino orleanez com um illegitimo principe por chefe, parece-nos podermos dizer tambem que tal é o destino.

O que é logico é somente Henrique V, escrevia Proudhon, desde 1834 a Jernymy Bonaparte, e como o que é logico cedo ou tarde acontece, por isso Henrique V tornará.

Repetimul-o: se a França ha de viver, não pode estabelecer-se nem sobre um cesarismo espuirio, que já por tres vezes a deu a despedaçar aos estrangeiros; nem sobre um liberalismo pernicioso que logo

(1) Wolkfreund de Vienna, numero de 10 de julho de 1873.

a faria cair nas garras do monstro socialismo. Não resta pois senão Henrique V, a quem d'elle herdar com o sangue e com a fé o direito á corôa de S. Luiz. Isso que se tem querido chamar força das coisas falla alto, e falla inexoravelmente: ou a salvação, a prosperidade, a grandeza sob o sceptro do Christianismo Rei de França; ou o desmembramento e a morte sob os intrusos imperantes e reinantes em nome dos principios de 1789. A mesma exactamente é a resposta ao quesito — de como a França, restituída á sua liberdade, se regulará politicamente com os estrangeiros. Qual fór internamente, tal será tambem externamente.

E além da necessidade que tem de não viver em funesta contradicção consigo mesma, acha-se em particulares circumstancias taes, que desde já deixam ver o caminho que certamente deverá seguir.

A França, fallando claro, tem só um e unico inimigo, o mesmo dentro que fóra, e é a revolução socialista, ultimo e dialectico termo do liberalismo. Tauto o seu inimigo interno, como o externo tem por fim a destruição da França grande, historica poderosamente christã. O triumpho dos seus socialistas domesticos, levallaria para debaixo do cutello dos seus altezozes externos, com os quaes estão, talvez sem todos o quererem, ligados e com a intenção de a perderem.

Isto vêem-n'o e apalpm-n'o todos os que observam as relações dos dois mais ferozes inimigos da França christã com os socialistas francezes, tallamos dos dois governos, da Alemanha prussificada e da Italia piemontisada. Os seus homens de estado, os seus politicos, os seus adherentes, os seus escribas tem um só coração e uma só linguagem com os fautores e adherentes do socialismo em França. O que escrevem as folhas dos chefes socialistas em Paris e nas provincias francezas contra o governo de Versailles, parece dictado pela mesma boca aos orgãos officiosos do imperio allemão e do reino de Italia; as mesmas insolencias, as mesmas ameaças, os mesmos desaños, os mesmos remoquez. Na persegução á França nacionalmente conservadora e christã, representada pela nobre espada do presidente mariscal de Mac-Mahon, estão d'accordo o Siècle e a République français com a Gazette de Spener, do Nord e d'Augusta, e com a Opinione, a Nazione, a Perseveranza a Reforma e outras mais. Ha entre ellas communhão d'interesses, por ser commum o seu fim, — a aniquilação da França.

Sem isto não se poderia perceber como é que os servos do despotismo cesariano da Prussia, e os sycophantas da monarchia constitucional da Italia se fazem, com relação á França, propugnadores e patronos de principios, d'homens e de factos que detestam nos seus paizes. O odio do nome, e o medo do poder francez que dá mostras de se levantar já restaurado, induzem esta turba de histriões politicos a encobrirem o capacete prussiano com o barrete phrygio, e a embuçarem nas camisas dos communistas os farrapos das suas librés. Para gente d'esta laia todos os meios são bons, com tanto que sejam uteis ao fim.

E' portanto muito claro que, como internamente a França não pôde subsistir senão abatendo cada vez mais o socialismo, assim externamente não pode ter força senão procedendo cautelosa, mas ao mesmo tempo como adversaria implacavel dos dois estados que levantaram a cabeça sobre a sua ruina, e não esperam vida senão da sua morte. Por isso a sua politica ou ha de ser um escarnio, ou uma constante preparação para a guerra contra a Prussia e contra o reino de Italia.

Porquanto ainda que não tivesse de reivindicar a Alsacia e Lorena, e de punir a afronta da tomada de Roma, ficallhe-hia sempre a necessidade de enfraquecer o poder de dois inimigos que ou directamente por si, ou indirectamente com o auxilio dos socialistas, querem dar cabo d'ella, sendo a sua existencia um obstaculo continuo á posse pacifica dos bens que alcançaram com as suas violencias. Ora quando o interesse de uma nação tem do seu lado o direito, e o direito legitimo o interesse, diz-nos a historia, que o movimento nacional se dirige irresistivelmente áquelle alto, até o conseguir engrandecendo o seu poder, ou se destruir, se não chega a empolgal-o.

D'aqui se vê quanto é verdade que a politica externa da França está predeterminada, por especiaes circumstancias, totalmente independentes da sua vontade. Para ella não se trata já de ideias poeticas, de sympathias, de desgostos, de ambições, mas de ser ou não ser. A sua destruição está jurada nos secretos conselhos do Serrano bertinez, e nos covis da carbonaria italiana.

E n'este ponto é admiravel o designio da Providencia, que se vae desenrolando aos olhos dos philosophos christãos. Os dois Estados que mais contrariam a existencia e prosperidade da França, são tambem os dois que mais guerreiam a Igreja Catholica, na sua liberdade e no proprio centro da sua vida jerarchica. O imperio allemão tomou a si a louca empreza

de apagar o catholicismo e abolir o Supremo Pontificado com o auxilio do reino subalpino de Italia, seu satellite, que domina em Roma. E como sobretudo vêem ambos que encontram na França um impedimento politico muitissimo forte, juntam contra ella a raiva que os roe contra a Igreja de Christo; e assim põem esta generosa nação, desvairada pela descreegça dos seus governos volterianos, na necessidade de mesmificar a sua causa com a da Igreja, e de tomar de novo, para se salvar, o encargo de proteger a Christandade, que mal fizera em abandonar, e fóra a sua mais esplendida gloria na idade media.

Tal foi a cegueira providencial dos fundadores do imperio allemão e do reino de Italia, que, consummando a sua obra anti-christã, obrigaram a nação franceza, que politicamente apostatará de Christo, a tornar-se politicamente christianissima, por amor da sua propria existencia civil.

Deixando de parte o reino de Italia, que por si vale pouquissimo, merece consideração o erro duplicado e de marca maior que commetteu Bismark, constituindo o edificio do seu imperio sobre o desmembramento da França e a oppressão do Catholicismo. Tirando á França as suas fronteiras militares, julgou pôr-se n'uma defesa inexpugnavel contra todo o assalto da vencedora, mas não morta, adversaria. A utilidade estrategica, porém não é talvez compensada pelo damno gravissimo que d'ahi lhe ha de vir, pois de hoje em diante todo o inimigo do novo imperio encontrará na França um amigo, e nas proximas guerras o imperio deverá sempre subtrahir ás forças preparadas contra outros inimigos outras tantas forças, que bastem para pelear com uma nação guerreira de trinta e oito milhões de homens, que ardem por conquistar de novo o territorio perdido? Não se pode negar que estrategicamente a Alsacia e Lorena são um baluarte magnifico de defesa para a Alemanha; mas deve-se tambem conceder, que politicamente é um pesadissimo grilhão que diminue muito a liberdade das resoluções promptas, e dos movimentos vigorosos.

A mais certa vantagem da annexação de Strasburgo e de Metz, colheu-a a Russia, que duplicou o seu poder de aggressão no caso de lucta com a Alemanha. Ha quem suspeite que, durante o tratado da ultima paz franco-allemão, em Petersburgo calculadamente se recusou toda a garantia da integridade territorial á França, porque se quiz ter a certeza da sua aliança em tempo opportuno. Não ha muito que um publicista moscovita affirmava estarem nas mãos da Russia os destinos da Europa. Isto é verdade, porque a paz dependerá d'ella principalmente. No dia em que ella julgar conveniente romper guerra contra a Alemanha, terá fóra de toda a duvida consigo a França (3).

A este erro, que será fatal para a sua obra, Bismark quiz juntar o outro exorbitante, de fazer do imperio allemão um campeão do antichristianismo, fazendo internamente guerra bestial á consciencia de treze milhões de allemães, e externamente insidiando pelas seducções e fraudes do Catholicismo por toda a parte, e principalmente em Roma, occupada por obra sua especialmente, pelo governo e pelas seitas italianas. Ora bastava o mais vulgar senso pratico dos negocios para perceber que esta loucura augmentaria tanto a força moral da França no imperio, quanto a malvada persegução affastaria d'elle os corações, e os animos das populações perseguidas, ao primeiro surgir da França em defesa do Catholicismo na Europa, e nomeadamente em Roma, contra a audacia brutal do chancelier berlinez, e dos seus satellites d'alem dos Alpes.

Ora isto está acontecendo actualmente, e por graça de Deus tudo leva a esperar que melhor acontecerá de futuro. A França principiou a perceber que uma politica christã lhe será util tambem materialmente dentro e fóra, mais que qualquer outra pompa de politica liberasta; e que com o tempo mais uteis lhe hão de ser os dois grandes erros do governo allemão que duas victorias alcançadas no campo de batalha. Quanto mais a França tiver paciencia e arte em esperar e escolher as occasiões; quanto mais animosa for em servir a causa catholica, mais certeza terá de ver cair diante de si o colosso inimigo, de pés de

(3) Não se julgue que esta situação escapa aos homens mais providentes da Alemanha. Na Gegenwart: Die geographisch politische Lage Deutschlands, Eduardo Van Hasman escrevia ha tempos: «A Alemanha está rodeada de tres Estados grandes e quatro pequenos. Entre estes a França, os Paizes Baixos e a Dinamarca são inimigos declarados. A Austria, se um ministerio catholico subir ao governo, bem depressa se tornará inimiga. Quanto á Russia, não ha senão a amizade dos soberanos dos dois paizes, que contém o antagonismo natural dos allemães e dos slavos, de virem ás mãos. A Alemanha está pois exposta a grandissimos perigos, e para defender-se precisa ter prompta uma força igual á da França e da Russia confederadas.

barro, e o boneco que se lhe agarrou á cauda.

O que temos dito de como e quando seria sua reorganisação interna, deve-se dizer tambem do resultado das suas operações externas. Nada definitivo se pôde por ora especificar, porque tudo está colligado com circumstancias providenciaes que se apresentam, mas não se conhecem antecipadamente. E' natural que a França resurja mudada do que foi pelo espaço de quasi cem annos, e que resurgindo repare os males immensos que fez á christandade com o seu seculo de aberrações. Começa-se a perceber que para alcançar da França uma renovação d'esta natureza, foi preciso nada menos que um imperio prussiano, tal como se formou com as suas humilhações e derrotas, e um reino subalpino de Italia, como o que nasceu das suas fraquezas. Estas duas instituições são os flagellos, um physico, outro moral, de que a eterna sabedoria se serviu para a punir e fazer cair em si. Se ella corresponder aos designios da infinita piedade, não se pode duvidar, que nas mãos de Deus, se tornará em instrumento poderosissimo de grandes glorias, e acabará reduzindo em pó esses mesmos flagellos que a feriram e abateram.

E que estas previsões não são sonhos suscitados nos publicistas catholicos pelo fervor de um zelo immoderado, nolo o prova o desassocego dos inimigos da França, e principalmente o terror que tomou o governo que em Roma tem prezo o Pontifice Pio IX, e pisa aos pés tudo o que o Catholicismo tem como mais sagrado. As affrontas que os pregoeiros de Bismark arremessaram á França no proprio momento em que elle se retira da ultima orla do seu solo, tem um ar de desprezo e de soberberia; mas as inconvenientes e ridiculas villanias do jornalismo liberasta da Italia são vis e cobardes. Os nossos valentes conhecem que a França não custaria muito tempo nem trabalho atirar pelos ares a sua barraca indestructivel e eterna, pois bem sabem que tudo lhes falta para fazerem a guerra a inimigos que não forem padres, frades, freiras e peregrinos. Confiam, é verdade, no patrocínio armado da Prussia; mas no fundo dos seus corações temem que esta potencia, no melhor da festa, lhes pague com a mesma moeda com que elles lhe pagaram depois da batalha de Sedowa, e com que pagaram á França depois da de Sedan, isto é com a moeda dos traidores. Por isso, com quanto estejamos longe de fazer votos em qualquer sentido, por não podermos negar os factos e a logica, nos é comtado permitido dizer que a solidez das ditas previsões tão confirmada é pelo medo dos liberaes, quanto mostrada pelas razões dos catholicos.

Omnia tempus habent. Para a nobre França agora é o tempo de activa preparação moral, politica e militar para os acontecimentos que o futuro lhe depára. Continue, ainda depois de recuperada a liberdade do seu territorio, continue a supplicar solememente a Deus que restabeleça christãmente a ordem interna, a proceder como filha promogenita da Igreja com relação ao seu Chefe Visivel, a rebater a feroz altivez do socialismo, a pôr de parte os interesses partidarios, e a não cuidar senão do seu proprio restabelecimento nacional. Saiba ser tollerante e previdente com os seus inimigos; ás suas provocações insolentes responda com a manifestação dos seus progressos na moralidade e na força, e esteja certa que procedendo assim não tardará muito a renovar na Europa as façanhas dos Fracos — gesta Dei per Francos.

Questão maçonica do Brazil

Discurso do sr. Dr. Candido Mendes nas cortes do Rio de Janeiro.

(Continuação)

O snr. visconde de Rio Branco (presidente do conselho): — Agora comprehendem melhor o que foi a Inquisição.

O snr. Mendes d'Almeida — E' o proprio governo do paiz quem de alguma sorte a agulva pelo exemplo e inconveniencia de proceder. Os membros d'essa associação até então pacificos exaltaram-se e consigo disseram: «temos governo por nós, podemos sustentar qualquer cousa temos em evidencia a ordem e sua poderosa influencia»; e as auctoridades ecclesiasticas foram sem detença e por muito tempo combatidas, infamadas, injuriadas por toda a fórmula; porque? Porque contava-se com o apoio do chefe, que era o primeiro ministro de um estado catholico, que era homem que estava á frente do governo.

O snr. visconde de Rio Branco (presidente do conselho): — Não apoiado; V. Ex.<sup>a</sup> imputa aos maçons em geral o que pôde ser acto de um ou outro, entretanto que o mesmo se vê na sociedade commum.

O snr. Mendes d'Almeida: — Foi uma ebullição fóra de tempo que se podia dispensar, mas esta situação que a creou foi infelizmente o nobre presidente do conselho.

O snr. Visconde do Rio Branco (pre-

sidente do conselho): — Respeite a liberdade de pensamento e a liberdade de imprensa.

O sr. Mendes de Almeida: — tivemos logo aqui um facto bem notavel; appareceram annunciadas com estrondo pelas lojas Missas em grande quantidade, designando-se adrede a confissão do finado, essas Missas que canonicamente não se podem celebrar, porque eram no interesse de individuos fóra do grémio da Igreja, que estavam pelas bullas, visto não terem abjurado, ipso facto condemnados.

O sr. Visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Ora, pelo amor de Deus!

O sr. Mendes de Almeida: — Se V. Ex.<sup>a</sup> não se importa com esta condemnação, importam-se todos os catholicos a quem V. Ex.<sup>a</sup> deve dar o exemplo...

O sr. Visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — O que V. Ex.<sup>a</sup> quer é agitar os espiritos.

O sr. Mendes de Almeida: — ... de respeitar a legislação canonica, se ainda se considera filho da Igreja. Ora, o que V. Ex.<sup>a</sup> praticou em certa festividade, a de 3 de Março, para a qual levou seus collegas para figurarem na apothose, é erro semelhante ou quasi semelhante ao que aconteceu agora na casa da Republica.

Como é que um governo monarchico ousou dar permissão para festejos d'aquella ordem? Pois a Republica ou seus sectarios podiam manifestar-se nas ruas ou ainda da maneira porque o fizeram em frente do seu estabelecimento por uma forma tão inconveniente e provocadora? E isto com o consentimento da policia!... Foi infeliz um desacerto.

E se acaso, sr. presidente, o povo brasileiro, amigo da monarchia, tivesse de pronunciar-se sobre tal deploravel acontecimento, não seria contra o que com assentimento da auctoridade legitima fizeram, ostentaram aquella tão significativa iluminação, que não podiam fazer n'este paiz sem offensa das leis; era sim contra aquelles que deram licença, sem cabalmente se informarem do modo porque a festa que os republicanos pretendiam celebrar, se exhibiria.

Um governo que deixa discutir o seu principio, a base fundamental da sua existencia, é um governo perdido; é por isso, sr. presidente, que as republicas não consentem que a monarchia vá discutir os seus. E, com razão, a estabilidade de um governo estabelecido depende d'esse respeito ao seu principio constitutivo.

A obra começada d'aquella forma era uma obra meio feita, e com gravame do principio monarchico. Sem duvida os republicanos, no seu sentido procederam muito bem, indo fallar ao chefe de policia e dizendo-lhe — «Permitti-nos festejar nas ruas o regosio que agora tivemos com a exaltação da republica na Hispanha». O chefe de policia, o que devia fazer era negar-lhes esta permissão, porque, além do respeito á monarchia, era isto no interesse da ordem publica.

O sr. Visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Nas ruas, negou.

O sr. Mendes de Almeida: — E tambem devia negar licença para iluminação da casa do estabelecimento typographico com disticos provocadores de Viva a Republica; a iluminação muda podia tolerar-se, a outra não, pelos motivos já expostos. O chefe de policia devia dizer: «Não concedo, porque, o que nós temos tambem com a iluminação significativa ou emblematica em casa na frente do edificio; podeis, em vossa casa, applaudir o grande acontecimento que se deu na Hispanha; estaes no vosso direito; mas não podeis fazer com a iluminação significativa, offensiva ao principio monarchico adoptado pela nação. Essa iluminação provocante pôde ser origem de perturbação do socego publico». Mas, sr. presidente, logo que o governo teve a ineptia de conceder tal auctorisação deveria respeitá-la.

O sr. Visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Ineptia?

O sr. Mendes de Almeida: — Sim; foi ineptia.

O sr. Visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Retire a expressão; V. Ex.<sup>a</sup> não pôde dar-nos lições, e meenos usar d'esses termos para com homens que lhe devem merecer outra consideração.

O sr. Mendes de Almeida: — Sim, a palavra não é parlamentar...

O sr. Visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Isto prova os sentimentos christãos de V. Ex.<sup>a</sup>

O sr. Mendes de Almeida: — ... eu a retiro; não é minha intenção apaixonar, azedar o debate, direi portanto que foi um grande desacerto.

O sr. Visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Este seu furor prova bem o fim do seu discurso.

O sr. Mendes de Almeida: — Perdome V. Ex.<sup>a</sup>, não ha furor; apesar de tudo V. Ex.<sup>a</sup> nunca hade chegar ao meu monarchismo. O que digo é que o governo procedeu mal em auctorisar aquella iluminação.

O sr. Zacarias — Apoiado.

O sr. Mendes de Almeida: — Eu com-

prehando o procedimento do chefe de policia magistrado a quem muito considero, e a habilidade dos republicanos. Elles apresentaram-se, pedindo duas cousas que perfeitamente sabiam não se lhes podia conceder; uma claramente se lhes podia recusar, a outra dependia de explicações! Começaram pedindo o mais, a primeira, foi como elles previam, logo recusada. Seguiu-se a segunda. O chefe de policia, que não reputo homem intolante, pelo contrario um bom caracter, não teve animo de negar o que, prima facie, parecia tão natural de conceder, até porque para uma iluminação, não se depende da policia. «Quanto á procissão na rua, disse-lhes, não é possível»; mas ao menos a iluminação na frente da casa, lhe replicaram? «Vá, concedo que possam enfeitar com iluminação a frente da casa, não é cousa necessaria, mas em fim, para mostrarmos que não somos intolerantes, e já que o periodico apparece com o assentimento do governo, atacando o principio monarchico, pôde-se fazer mais esta concessão». Ahi estava o perigo. Foi uma fraqueza.

O governo, sr. presidente, que receava um tumulto nas ruas, um desarranjo na ordem publica, por causa da manifestação republicana, devia temer identica perturbação, sobretudo n'uma rua como a do Ouvidor, nas immedições de um ponto onde ha continuo ajuntamento de pessoas, porque é o ponto d'onde partem os bonds para Bota fogo. Se o permittiu, tão descauteladamente, não pôde de maneira alguma justificar-se. Ainda mesmo que o festejo fosse n'outra rua meenos concorrida que a do Ouvidor, nem assim se podia dar tal permissão, por quanto a iluminação significativa attrahiria a população. Foi portanto bondomia, foi tolerancia demasiada, tolerancia que não se pôde justificar, porque o que se receava, aconteceu e podia ter sido previsto.

Os republicanos abusaram, não dizendo ao chefe a iluminação que projectavam, com os additamentos das bandeiras, etc., o chefe talvez dissesse, para não revogar o seu acto, que importa a collocação de bandeiras ás janella? Mas o distico iluminado de viva a republica, ia muito além d'aquelle procedimento, era significativo e provocante; maxime tractando-se de um povo essencialmente monarchico. Sem a manifestação para passear nas ruas, o distico iluminado importava o mesmo, pois assim attrahia-se para aquelle ponto muita população e muitos curiosos.

O sr. Rodrigues Silva dá um aparte. O sr. Mendes de Almeida: — Não penso assim; não acredito que o chefe de policia, de quem faço bom conceito, e nem o governo procedessem com má intenção n'este negocio. Mas, pela sua imprudencia, as cousas tiveram outra direcção.

Comprehando que as intenções foram boas, mas não justificam os actos posteriores do governo, nem escusam a pouca perspicacia da policia em um acto em que ella queria mostrar-se benevola. Deu-se imprudentemente uma licença para illuminações na intenção de mostrar-se tolerante, de ser-se mesmo liberal com aquelles que sustentam uma ideia contraposta á nossa. Foi este sem duvida o fim; é como comprehendendo a concessão da licença, e não acreditando em má fé da parte do chefe de policia nem do governo, mas foi um desacerto injustificavel, tanto mais para deplorar-se quanto depois aconteceu aquillo mesmo que se temia, e devêra prever-se.

O sr. Zacarias: — Não se prendeu nenhuma pessoa, nem um cabeça.

O sr. Mendes de Almeida: — Entendo, em summa, que se fez á Republica mais serviço do que mal.

O sr. Zacarias: — Não se matou, e devia-se matar, na opinião do sr. Jobim.

O sr. Mendes de Almeida: — Voltando, portanto, á minha these, direi ainda o procedimento do nobre presidente do conselho, na sua politica religiosa, foi um passo pouco reflectido, da mesma cathogoria que esse que acabei de censurar, senão mais elevada, porquanto fez-se, pôde-se dizer, um grande movimento com essa apothose do nobre presidente do conselho, cujos resultados não se deixaram esperar.

O digno Bispo do Rio de Janeiro foi, sr. presidente, por largo tempo diariamente injuriado nos jornaes, como o senado sabe; ainda mais, os membros de diversas lojas maçonicas por muitos dias publicaram uma molina no «Jornal do Commercio» annunciando que na igreja, creio que do Bom Jesus do Calvario, se havia de celebrar uma missa por alma de um maçon, fallecido na Europa, adornada a éga com os symbolos maçonicos, desafiando o Bispo a mandal-os retirar.

O governo, e com especialidade o ministro da justiça, não podiam ignorar o que os maçons preparavam. Porque, sr. presidente, se animaram os maçons a praticar isso? E lariam em outro governo que não tivesse um grão-mestre á sua frente? Não. Todos os dias vinha, foi bem notorio, essa molina, esse desafio ao Prelado: «Queremos ver se o Bispo é capaz de impedir a Missa». E com effeito, sr. presidente, no dia da Missa os maçons em grande numero lá se apresentaram com os symbolos maçonicos, como haviam pro-

mettido, para afrontar a actoridade episcopal.

Appareceu no momento o Vigario Geral e pediu-lhes que retirassem aquelles symbolos, que as leis da Igreja reprovam. Consta-me que os denodados irmãos, fieis á sua promessa, responderam: «Não, senhor, não cedemos, a Missa ha-de celebrar-se com estes symbolos». Outros dizem que os symbolos foram retirados a pedido do Vigario Geral, e repostos no seu lugar apenas este se retirou, e a Missa celebrou-se!

E passou-se isto, sr. presidente, em um paiz catholico: o Bispo foi desrespeitado completamente, e seus adversarios triunfaram! Não contando com o auxilio do governo, foi o Prelado obrigado, para evitar a profanação, a mandar solicitar dos auctores do attentado a sua indulgencia. Porque aconteceu assim? Porque os maçons estavam certos de que seu irmão, o grão-mestre, estava no governo, havia de amparal-os de preferencia aos ecclesiasticos.

O sr. Zacarias: — Apoiado, por isso não sou maçon.

O sr. Visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Pois eu sou, e continuarei a ser maçon.

O sr. Mendes de Almeida: — Quando o nobre senador pelo Rio de Janeiro, o sr. Visconde de Nitherohy, retirou-se do ministerio, e veio dizer-nos as causas da sua retirada, eu que sabia que s. ex.<sup>a</sup> não era maçon, entendi commigo e comprehendí bem, que elle se tinha retirado por este motivo, embora o não revelasse...

O sr. Visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Não apoiado.

O sr. Mendes de Almeida: — ... por não poder talvez ver de braços cruzados a repetição de actos a que deu logar essa molina que todos os dias apparecia nos jornaes, pouco mais ou menos n'este sentido: «Em tal dia se dirá uma missa por alma de tal irmão, com os symbolos maçonicos, e queremos ver se o bispo é capaz de mandar retirar os symbolos».

O sr. Visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — affirma isso?

O sr. Mendes de Almeida: — Sim affirmo?

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Que o nobre visconde de Nitherohy se retirou por semelhante motivo?

O sr. Mendes de Almeida: — Não, é uma conjectura que faço, mas bem fundada.

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Ah! são conjecturas de V. Ex.<sup>a</sup>

O sr. Mendes de Almeida: — S. Ex.<sup>a</sup>, o ex-ministro da justiça, não pôde manter a auctoridade do Bispo, porque tinha a seu lado o presidente do conselho, que era franc-maçon, e s. ex.<sup>a</sup> precisava fechar os olhos.

São esses factos que mostram que a politica do gabinete em materia religiosa tem sido uma politica contraria aos seus deveres e á expectativa nacional; se o governo ou o seu chefe, o honrado presidente do conselho, não machina directamente contra o catholicismo, com seus actos, com seus erros tão pouco justificados, indirectamente promove propaganda contra a religião do Estado. Tal é a minha convicção, que bem estimaria reformar.

Senhores, ia-me esquecendo um ponto que é necessario fazer resaltar n'este debate. Tem-se fallado aqui e na outra camara em bullas placitadas: mas como é, sr. presidente, que em um paiz que ha 50 annos vive debaixo do governo constitucional representativo, e que tem uma constituição sob a protecção da SS. Trindade, constituição que diz: «a religião do Estado continúa a ser a Catholica Apostolica Romana»; assim como no art. 12 § 14 que os decretos dos Concilios e letras Apostolicas que contiverem disposição geral, devem ser placitados, precedendo approvação da assembleia geral, não se tem dado plena e inteira execução a essas disposições?

Entretanto o governo, desde a independencia até hoje, não se tem resolvido a contemplar nos annexos do relatório do ministerio dos negocios estrangeiros, nem ainda nos do ministerio do imperio, a que naturalmente se prendem, copias das constituições pontificias tendo disposição geral, interessando á fé, á moral ou á disciplina da Igreja, que todos os catholicos, ainda brasileiros, tem necessidade de saber; o beneplacito nacional, a mais larga publicação e solemne execução, ou negar-se esse beneplacito, se o respeito da Santa Sé não puder admitir-se.

O governo, sr. presidente, se sinceramente quizesse cumprir essa disposição constitucional, se acha que ella tem merecimento para constantemente invocar-se, devêra proceder por fórma differente do que tem feito. Se consultando a nossa historia de ha 50 annos a esta parte, em assumpto d'esta ordem, observamos que apenas uma vez se levou ao corpo legislativo um d'esses documentos, a bulla Praeclara Portugallie do Papa Leão XII, expedida em 15 de Maio de 1827, concedendo aos Imperadores do Brazil, como Grão-Mestres da Ordem de Christo, o padroado das Igre-

jas e beneficios do Imperio, a qual, na camara dos deputados em sessão de 26 de Outubro do mesmo anno, não se aceitou, não obstante haver ella sido sollicitada pelo governo, approvando-se o parecer das commissões reunidas de constituição e ecclesiastica de 17 do referido mez. E desde então, sr. presidente, usa-se em nosso paiz do padroado como se fosse cousa propria, e sem concessão da Igreja!

Mas a respeito de tantas bullas de interesse maximo e geral promulgadas desde aquella época, e de que o governo deveria ter sciencia pelo nosso ministro acreditado junto á Santa Sé, nada tem feito o nosso governo, guardando sempre perfeito segredo maçonico! Se os Brasileiros não podem prestar obediencia a rescripto algum emanado da Santa Sé, que o nossoCodigo Criminal (arts. 70 e 81) benevolamente reputa governo estrangeiro, sem expor-se a penas (arts. 78 e 81) pela desobediencia, é evidente que o governo brasileiro tem faltado aos seus deveres, tomando a si uma grave responsabilidade, não executando strictamente essa disposição constitucional, que tantos nossos estadistas consideram tão salutar. A falta d'essa execução fará desvaivar o pensamento, a opinião nacional, vendo publicadas essas constituições, e vacilantes os fieis se deversão ou não obedecer-lhes, e suspensos entre a penalidade espiritual e a temporal.

A regra entre nós, sr. presidente, tem sido completo ou maçonico silencio. Quando apparece ou surge algum conflicto, o nosso governo revestindo-se para com a Igreja do argumento argentino, no infeliz tratado da triplice alliança, começa por declarar: «a essa bulla não se concede beneplacito». A isto chama-se lançar agua na fervura. Isto é procedimento do governo que se respeite?

Temos uma legação em Roma perante a Santa Sé, que, estou certo, recebe todos os annos cópia de letras apostolicas que interessam no espirital tanto ao nosso paiz, como a toda a christandade, e o governo imperial nunca cuidou de examinar, se tão respeitaveis documentos devem ser presentes ao corpo legislativo para serem placitados, e conhecidos e venerados de todos os Brasileiros catholicos, e ainda dos que o não são. E, todavia, era essa a sua obrigação, em vista da lei fundamental do Estado que jurou manter e defender.

O procedimento contrario, sr. presidente, tem visos do argentino, quando na occasião de qualquer questão ou conflicto religioso ousa declarar, a despeito da longa existencia de taes documentos não estão placitados. E' o caso do governo argentino na questão das fortificações do Paraguay, mas depois das victorias brasileiras: «ah! quanto ao tratado approvamolo, mas o protocolo adicional depende ainda do beneplacito do congresso!» illudindo-se completamente a fé dos contractos internacionaes!

N'esta parte o procedimento do governo com a Santa Sé, e com o povo que o sustenta, não tem defeza; é mesmo inqualificavel, por quanto a população catholica do Brazil não pôde ficar no ar, conhecendo as prescripções pontificias, e não podendo cumpril-as. Este direito do povo brasileiro fica postergado com o proceder do governo. Ha mais de dois annos promulgaram-se dous decretos conciliares, e já d'elles deu o governo conhecimento ao corpo legislativo? e entretanto n'esses decretos se não tracta de mera disciplina.

Parece-me sr. presidente, que o governo procederia regularmente se em cada sessão da assembleia geral dissesse: «a Santa Sé no anno proximo findo promulgou taes constituições ou letras apostolicas que interessam á religião do Estado, que nós juramos manter, e como encerram disposição geral esperamos a approvação da assembleia geral, a fim de serem placitadas». Isto faria um governo sincero e religioso, mas o nosso não o tem feito; porque?

Porque, sr. presidente, quasi todos os estadistas que nos tem governado estão imbuidos dos principios que fizeram consagrar no codigo criminal, de que só o dogma baldo e sem precisão, da existencia de Deus e da immortalidade da alma, é que merece respeito n'este paiz. Por outro lado elles sentem a insensatez da disposição, entendida como elles desejam, o absurdo julgamento da doutrina, e temem com razão que surjam scismas e lutas negando-se beneplacito a bullas dogmaticas. Em taes circumstancias preferem silencio e abstenção.

N'esta consideração tomam ares de prudentes e graves, e vão fechando os olhos a tudo, dizendo comsigo: — «Se fór aceitavel e bom o que vem de Roma, os Bispos irão publicando e o povo executando; mas quando houver conflicto ou questão em que o governa tenha de interpor seu parecer, fica-nos o direito salvo para responder: «essa bulla ou rescripto não foi placido, e portanto não tenho obrigação de cumprir». E é com taes expedientes que o governo de um paiz christão e civilizado julga sair-se bem de difficuldades!

Mas passemos adiante. Ouvi tambem aqui fallar em Inquisição, parece que foi o aparte com que me

honrou o meu nobre collega pelo Maranhão. Não sei a que proposito isto vem; pode-se dizer o que quizer sobre a Inquisição, é uma instituição que já acabou, e só tem interesse historico; é cousa que não me occupa a attenção. O que digo é que para se conhecer bem os instinctos da maçonaria...

O sr. Vieira da Silva: — Pensei que era dos inquisidores.

O sr. Mendes de Almeida: — ... é bom observar-se o que por todo o mundo christão se está passando. Attenda o senado para o que se está praticando na Alemanha, onde o governo de Bismark, inquestionavelmente maçon, declara que a Igreja Catholica é uma instituição prejudicial e perigosa ao Estado, e que só o militarismo prussiano sob a direcção dos Hohenzolern é capaz de lutar com ella com vantagem. D'ahi as medidas que se tem seguido, depois da derrota da Franca, contra a Igreja, em que as violências e injustiças marcham ao par.

N'essas representações que se tem publicado contra o Bispo de Pernambuco, nós vemos que uma das medidas que pedem os maçons d'aquella provincia, não é que vivam em paz as duas Igrejas, que cada um escreva por seu lado defendendo o culto de suas affeições; não, elles querem além da garantia pelo braço secular de sua apostasia, a proscripção...

O sr. Vieira da Silva: — Dos jesuitas.

O sr. Mendes de Almeida: — Dos jesuitas? sim, é medida que não falla, quando o maçon, n'este assumpto legisla.

Por ora queremos, dizem elles, o placet para excluir as bullas, ou por outra, a execução rigorosa do art. 102 § 14 da constituição, isto é, a proscripção contra as decisões de Roma, e para melhor esclarecer o assumpto, illumal-o, tambem querem a proscripção dos jesuitas, vindo depois naturalmente a do Bispo, etc.

Ora estes jesuitas, sr. presidente, são em verdade grandes criminosos, visto que os cordeiros das lojas lhes querem tanto mal. Elles tem sem duvida um imperdoavel defeito, reúnem ás suas virtudes religiosas uma solidez de doutrina que desaponta os adversarios da Igreja. Portanto é muito justa a proscripção que contra elles se reclama.

Mas, sr. presidente, como em um paiz, como o nosso, aberto a todos os estrangeiros de qualquer religião ou oriente, se hade proscrever uns para que outros campem? Quem impede n'este paiz, de tanta tolerancia e liberdade, que cada culto tenha a seus fieis votos? Já algum ousou no Brazil impedir a maçonaria de fundar suas officinas, para, como nós todos sabemos, elevar templos á virtude e cavar masmorras ao vicio? Ninguém impede, e nisto consiste a liberdade de consciencia, o respeito devido a cada culto, que a lei permite ou tolera.

O individuo que diz: «eu sou maçon, e não quero seguir outra doutrina», quem o embarça? Se quer fundar ou frequentar uma loja, quem lhe vae tomar contas? todos o respeitam, e o governo tem obrigação de fazer respeitar este direito, por lei consagrado. Mas o maçon brasileiro não limita sua pretensão a este gozo: vai mais adiante. Elle quer que o considerem como maçon catholico, quer os proventos das lojas e as graças da Igreja!

Um sr. senador dá um aparte.

(Continúa)

SECCÃO LITTERARIA

NAS EXEQUIAS SOLEMNES, QUE, PARA COMMEMORAR O FALLECIMENTO DO SENHOR D. MIGUEL DE BRAGANÇA, MANDOU CELEBRAR A REDACÇÃO DO «FUTURO», NA EGREJA DO HOSPITAL DE S. MARCOS NO DIA 14 DE NOVEMBRO DE 1873.

Se o troar do canhão, se os sons funereos Do bronze atterrador, Não veio despertar nossa saudade, Acordar nossa dor:

Da perda Tua o golpe que soffremos Feriu tão penetrante, Que este dia fatal de lucto e pranto, Nos lembra a cada instante.

E' para nós estimulo mais forte, Do que o lugubre som Do tanger melancholico a finados, E o troar do canhão.

Nossa lembrança é o despertar continuo; E' nossa dor pungente, O dobre triste que nos vibra n'alma, Profundo, vehemente.

O Tempo, que derruba o bronze, o mar, E, que o ferro consome, Não pôde inda extinguir nossa saudade, Delir em nós Teu Nome!

Se morreste no exilio, a Tua Imagem Entre nós não morreu; Em nós vive, e recorda sempre a perda Que Portugal soffreu.

Lá nos ceos, onde cremos que repousas, Prova d'esta verdade, Reconhece, Senhor, 'n este tributo De nossa lealdade.

Olha este Templo em crepes abafado, E o Teu Retrato alli; E uma fiel briosa mocidade A exorar por Ti.

Olha estes filhos Teus, que Te sagravam, Seu amor, seu respeito; Como se ainda entre nós viveras, Renovar-Te seu preito.

Olha o innocente Sacrificio augusto, Que o Ministro de Deus, Por Teu descanso eterno, sobre as Aras, Hoje offerece aos ceos.

Vê tudo isto, e julga quanto é grande A nossa magoa e dor, Que só se abranda 'n esse que a Teu Filho Consagramos amor.

'N esse doce Futuro - esperançoso, Que Deus hade vingar; Fazendo que triunfe a causa justa Da Ley, do Throno, e Altar.

A illustrada redacção do 'Futuro' D e C O AUCTOR Braga, 14 do Novembro de 1873. João Luiz Correa Junior.

Noticias de Roma. Lê-se 'Palavra': Parece incrível que os ministros do rei italiano o fizessem dizer em seu discurso que respeitava a autoridade espiritual do Santo Padre, quando as palavras do grande Pontífice são outras tantas afirmações em contrario, sempre que se offerece occasião de dizer ao mundo o triste estado em que se acha. Para aquelles mesmos que não tem na devida conta os queixumes da augusta victima do Vaticano, ahí temos os factos que tambem fallam.

Como pôde respeitar a autoridade espiritual de Pio IX um governo que permite que no theatro figurem irrisoriamente os cardeaes, os padres e não sabemos se o proprio Papa? um governo que consente que na imprensa se ataquem desbragadamente os dogmas fundamentais do Catholicismo? um governo que acaba de privar violentamente o Pontífice de tantos auxiliares que tinha para o governo espiritual da igreja nos religiosos que ultimamente foram ebulhados de seu domicilio contra todas as leis e contra todos os direitos?

Sobre os resultados das viagens a Berlim e a Vienna ninguém hoje ignora que estão longe de satisfazer as esperanças que n'ellas tinham posto os usurpadores de Roma.

De Vienna especialmente saíram desgostosos e desanimados os partidos politicos italianos. Por fim o rei do Piemonte, que se chama rei de Italia, recommenda que se pense no exercito no que manifesta quanto se inquieta com o futuro. O mais é, que as ultimas noticias dizem que não só em Roma, mas em outros pontos da Italia a carestia de mantimentos já inspira grandes cuidados. Nas classes menos abastadas ha muito quem passe fome, e da falta de bom alimento se resente o exercito principalmente em Roma.

Noticias de França. O governo de França decidiu que no dia 14 de dezembro se verificassem as eleições nos departamentos de Finisterra, Oise, Aude e Seine.

Depois d'estas eleições seguir-se-hão outras mais, até preencher-se o numero dos departamentos vagos, pois o governo quer n'estas, ao que parece, sondar as forças dos republicanos.

O facto de se haverem retardado tanto as eleições supplementares não é devido a outra causa, senão a querer o governo que antes d'ellas se votasse a prorrogação dos poderes a Mac-Mahon, e se discutissem as leis constitucionaes, ou, ao menos, se adiantasse a sua discussão.

Outra noticia importante nos trazem as folhas francezas e é que o governo, d'accordo com as fracções da direita, está resolvido a exigir os dez annos na prorrogação dos poderes ao marechal Mac-Mahon, e principalmente a não aceitar o prorrogação condicional.

A assembleia conta presentemente 740 deputados, mas o governo pôde contar com 362 seguros; é uma pequena maioria de 14 votos, mas é uma maioria bastante para que o ministério se sinta forte contra todos os calculados ataques da esquerda, cujo fim em todos os manejos que tem em-

pregado, emprega e empregará, é fazer cair o gabinete, apoz este Mac-Mahon, dissolver depois a camara e eleger outra onde predomine.

Por isso, ainda assim, é de receiar que as eleições supplementares, que são umas 13, deem mais algum deputado á esquerda da camara. Não sabemos se as ideias republicanas preponderarem nos departamentos vagos, mas é de crer que nem em todos preponderem, e que em todo o caso, o licito e louvavel influxo dos amigos da ordem evite mais algum triunfo eleitoral aos amigos de Thiers e de Gambetta.

Segundo se colhe das ultimas noticias, embora não hajam desaparecido todas as difficuldades, espera-se que a prorrogação dos poderes ao duque de Magenta seja votada um dos proximos dias, por 10 annos, e conservando elle o titulo de presidente da republica.

Proseguem os esforços fóra do parlamento e principalmente nas provincias a favor dos monarchicos que estimam a prorrogação dos poderes a Mac-Mahon, e que não tardarão á sombra do governo forte do velho militar, a recommear as tentativas da restauração monarchica. É indubitavel que em todo o paiz augmentam as sympathias para com o conde de Chambord, e as folhas legitimas mostram-se muito esperanças.

—Como sabem os leitores, está encarregada uma commissão de examinar e discutir a proposta de prorrogação dos poderes de Mac-Mahon. N'essa commissão a direita tem maioria, se bem que não muito grande; todavia a esquerda conseguiu que de seu gremio saísse o presidente que é Remusat. É indubitavel que a commissão dará parecer favoravel á prorrogação, se bem que se esperam algumas modificações, talvez importantes, no texto da proposta.

Que ella dê parecer favoravel á prorrogação não podem os republicanos impedir-o; por isso recorrem a outros meios indirectos de chegar a seus fins, não sendo alheios ás suas manobras o proceder e trabalhos da mesma commissão. Toda a tactica dos deputados da esquerda reduz-se actualmente a ganhar tempo. É o conselho de Thiers. Assim, apesar de Mac-Mahon ter recommendado á commissão toda a brevidade em seus trabalhos, Remusat que é o presidente, convoca as sessões quando lhe parece, e já declarou que a commissão tinha que fazer não só para alguns dias, mas até para algumas semanas. Atribuem-se a Thiers estas palavras:

«Ganhemos tempo: fizeram-nos esperar dois mezes as conclusões da commissão dos trinta; agora lhes pagaremos na mesma moeda.»

—O general Bourbaki, governador militar de Lyon, prohibiu formalmente aos paesanos a entrada nos quartéis militares. D'aqui se pôde deduzir que receios inspira ao dito general o partido inimigo da ordem.

Noticias de Hispanha. —O 'Univers' transcreve as seguintes palavras do deputado, que parece que causaram sensação na reunião parlamentar:

«Senhores, disse, desculpem-me; tenho pouco habito de fallar, e ainda para mais estou commovido; o que tenho a dizer, é que em vista da nobre carta do rei, não estabelecer a monarchia, é uma vergonha, uma vergonha historica!» e sentou-se.

A commoção que o possuía apoderou-se dos seus collegas. Nada responderam. Que tinham elles que responder áquellas palavras?

Esperamos, por salvaguarda da patria, diz a 'União', por honra de uma assembleia que a representa, que essa vergonha historica, sem duvida derradeira, sera poupada á França.

—Os jornaes legitimistas publicam o seguinte telegramma para o qual chamam a attenção dos deputados do seu partido:

«Marselha, 8 de novembro ás 11 h. e 30 m. da m.—É consideravel o movimento em Marselha e em todo o departamento para assignar petições a favor da monarchia. A provincia conta com a energia de Pariz para que alcance bom exito esta manifestação, que esperamos será tido em conta pelos deputados.»

—Da correspondencia de Madrid para o 'Direito'.

Todas as noticias que se recebem do norte confirmam o triunfo importantissimo de Monte-Jura. O 'Quartel Real' diz que D. Carlos dirigiu no dia 9 um telegramma a Sua Magestade a Rainha, dizendo-lhe que ao dia de Patrocinio da Virgem tinha alcançado com a ajuda de Deus um triunfo brilhante sobre as forças de Moriones, em cuja perseguição continuava. Tambem diz a mesma folha que viu chegar a Estella tres conducções de prisioneiros republicanos, ficando muitos feridos e de igual procedencia no convento de Gracho.

Entre as pessoas que cuidavam com esmero nos feridos carlistas e republicanos em Gracho, conta o 'Quartel Real' a opeleita sr.ª viúva de Calderon, tão conhecida em Paris e Madrid, que tinha chagado ha pouco ao campo carlista com gran-

de quantidade de objectos de sanidade, o sr. conde de Belascoin, o ex-deputado D. Luiz Trelles Noguero e o conego mestre de Cordova sr. Garceiz. De Estella recebi á seguinte carta datada de 10:

«V. não pode imaginar, querido amigo, o immenso entusiasmo que produziu n'este cidade a victoria de Monte-Jura. Honra foi recebido o exercito vencedor no meio de repiques de sinos, entusiasticos vivas e jubilo universal. Todas as janelas das casas estavam guarnecidas de colchas e todos os habitantes, desde os mais idosos até ás creanças, davam mostras de grande alegria. Com effeito a victoria merece isto e muito mais.»

Moriones saiu no dia 7 de madrugada dos Arcos com toda a gente, que sobia a cerca de 20 mil homens e 22 peças d'artilleria, sendo oito Krupp, jurando entrar em Estella ou morrer. Assim o disse aos soldados n'um arrogante discurso, que dizia pouco mais ou menos o seguinte:

«Soldados. As bordas do absolutismo esperam-vos fortificadas em Monte-Jura, vangloriando-se de que não podemos expulsar-vos das suas posições. Chegou a occasião de mostrar-lhes que não só as expulsaremos da linha de Monte-Jura, senão que entraremos em Estella. Juro-vos, soldados, pela cruz d'esta espada, que entrarei n'esse ninho de absolutistas, ou serei victima d'uma balla inimiga.»

E o general que se expressava d'este modo no dia 7 de madrugada nos Arcos, entrava na noite de 9 na mesma povoação, com o seu exercito disperso, deixando em poder dos carlistas centos de prisioneiros e centos de mortos e feridos. Só dous regimentos d'artilleria tiveram cerca de 150 baixas. Dous da cavallaria, cujos nomes são Pavia e Lusitania, tiveram cerca de 300 baixas.

Calculam-se as perdas dos republicanos em mil feridos, 300 centusos, 400 mortos e 500 prisioneiros.

SECÇÃO NOTICIOSA

ASSOCIAÇÃO CATHOLICA.

Festividade, e Academia religiosa.

A Junta directora da Associação Catholica dá conhecimento a todos os dignos socios e associadas, que resolveu fazer a festividade da sua Padroeira a Virgem Immaculada na igreja do Carmo no dia 8 de Dezembro, unindo-se, para este fim aos devotos que alli costumam celebrar a mesma solemnidade, e auxiliando-os da maneira que possa.

A festividade será precedida de uma novena a voses e órgão e com exposição do SS. Sacramento no altar, e praticas nos ultimos tres dias; e á missa solemne da festividade haverá communhão geral dos associados.

A Junta Directora previne desde já todos os associados, e os convida a assistirem á novena que hade começar no dia 29 do corrente, pelas 3 horas da tarde; e a prepararem-se dignamente para a celebração de tão grande solemnidade. Lembra igualmente a todos os associados que estando a Associação Catholica d'esta cidade aggregada espiritualmente á do Porto, e gosando, por consequente, das mesmas graças a esta concedidas pelo Rescripto Apostolico do SS. Padre Pio IX, poderão os socios, que no dia da Immaculada Conceição, desde as primeiras vespers, confessados e fortalecidos pela Sagrada Communhão, visitarem a igreja do Carmo (que foi a designada por Sua Ex.ª Rev.ª m. o sr. Ascebispo Primaz,) e nella orarem a Deus pela concordia dos principes christãos, pela extirpação das heresias, e pela exaltação da Santa Madre Igreja, ganhar indulgencia plenaria, e remissão de seus peccados, como consta do mesmo Rescripto.

Para augmentar o esplendor e jubilo d'este dia, determinou a mesma Junta Directora fazer uma solemne Academia religiosa na casa da Associação, pelas 7 horas da noite, para a qual convoca todos os associados d'um e outro sexo, os quaes devem munir-se d'uma cedula ou bilhete que desde o primeiro dia da novena se poderá procurar na residencia do thesoureiro, o sr. José Cardoso da Silva Guimarães.

Além das associadas terão ingresso á Academia as duas pessoas do sexo feminino pertencentes a familia de cada um dos socios.

O secretario P.º João Antonio Velloso.

Missa do SS. — A expensas do sr. juiz da confraria do SS. Sacramento da igreja de S. Lazaro, celebra-se n'este templo todos os terceiros domingos do mez, a missa solemne, a grande instrumental da capella dos Artistas.

É uma accção louvavel que muito folgamos com registral-a em nossas columnas.

Desgraça. — A mala-posta que n'um dos ultimos dias da semana passada ia para Villa Real resvalou por uma ribanceira da serra do Marão de que resultaram la-

mentaveis desgraças. Um dos passageiros, que era pagador das obras publicas de Villa Real ficou logo morto, e dos restantes falleceu no dia seguinte ao do desastre um padre, ficando todos mais ou menos maltractados.

Terno espectral. — Na igreja de S. Francisco em Turim, diz a 'União Catholica', deu-se um terno espectral todos os dias de setembro á tarde, quando se concluiam as funcções da peregrinação espirital. As mães e os paes de familias catholicas davam a moeda de cobre aos seus filhinhos para a irem dar ás pessoas que pediam para o nosso SS. P. Pio IX. Aquelle pedir um óbolo para a mais augusta autoridade da terra era a mais forte confutação do socialismo e a mais doce consolação para os pobres; ao mesmo tempo os innocentes, que corriam alegres e ufanos a dar a esmola para o Padre Santo, aprendiam a respeitar e amar os proprios paes.

Visita pastoral. — Saiu na passada quarta-feira, no comboio do norte, s. em.ª o sr. Patriarcha de Lisboa, em visita ao arcepytado de Torres Novas.

S. em.ª foi acompanhado pelo rev.º padre Huggs, missionario apostolico, que o precede na sua entrada nas freguezias, pelo rev.º padre Polycarpo, 2.º mestre de ceremonias da Sé, e por dois parochos.

S. em.ª tenciona entrar nas povoações de tarde, apresentando-se em casa do parochico, e no dia seguinte dar entrada na igreja parochial, seguindo o rito. Em seguida diz missa, administrará communhão e o chrisma.

Nas freguezias mais populosas celebrará solememente no dia do orago, caso ahi esteja.

Procederá á sagração dos vazos sagrados, altares ou pedras d'ara.

Emquanto ás ermidas e capellas, visital-as-ha só com o acompanhamento de um padre.

Conversão. — Segundo lemos no 'Courier de Bruxelles' acaba de converter-se ao catholicismo Sir H. Billingham, filho do baronet Sir H. Billingham. Esta conversão produziu grande sensação em Inglaterra.

Este facto, junto a outros muitos que havemos narrado, mostra que é grande a corrente que impelle os filhos d'Albion para a sua antiga religião, e que não será necessario longo decurso d'annos para que o catholicismo volva a ser a religião do Estado, como antes do scisma de Henrique VIII.

Um aviso cordato ao governo do Brazil e a outros que taes. — Será tempo perdido, e pregar no deserto, por que enfim quos Deus vult perdere prius dementat. No entanto eis o aviso. Os magões desmascaram-se cada vez mais e sua hypocrisia manifesta em quasi todos os actos.

«Reflecta por tanto o Governo no acto que vae praticar, na responsabilidade extraordinaria que vae assumir, diz o 'Apostolo'.

Examine bem o que se tem escripto contra a Igreja em nome e por conta da maçonaria, e não despreze os despropósitos que em ambas as camaras se tem proferido contra a Igreja, e sobre tudo as seguintes palavras do sr. Pinheiro Guimarães: — Além d'isto, se a reformasse-mos (a maçonaria) pelo modo porque (abandonando o symbolismo pagão e anti-catholico) deseja o nobre deputado pelo Ceará (o sr. José Alencar) ella seria uma simples sociedade de beneficencia, como temos centenas; mas não seria mais a maçonaria, essa instituição, a quem o mundo e este imperio tanto devem, segundo mesmo o nobre deputado.

Estas palavras são bem significativas e dão a entender que o symbolismo pagão, anti-catholico, é o que caracteriza a essencia da maçonaria, e não a beneficencia, e põe bem a claro que não é uma associação puramente beneficente.

É repugnante pois que se estranhe ao Episcopado de uma Nação Catholica impor penas espirituaes a catholicos seus subditos, que infeliz e desgraçadamente se filiam em uma associação cuja essencia consiste no symbolismo pagão, anti-catholico.

ANNUNCIOS

SAUDE A TODOS por meio da deliciosa farinha salutar a Revalesciere du Barry de Londres. (Vendida actualmente tostada, não necessita mais que um ou dois minutos de cozimento.)

Contra a immensa mortalidade das creanças de terra idade, 60:000 em França, e 80:000 em Inglaterra, a sciencia medica nunca conseguiu pôr um remedio efficaz, e nada ha que extrahir n'isto, uma vez que as drogas não podem deixar de augmentar a fraqueza e a força vital da digestão e da nutrição. Foi reservado á Revalesciere du Barry de Londres, resolver o problema de restaurar os órgãos da digestão, crear novo sangue, musculos e ossos, e curar o sistema glandular, sem força nem irritação, mas de modo perfeitamente natural.

Por isso temos provas abundantes da

sua influencia saudavel nas obras do celebre doutor Routh, presidente do hospital das creanças em Londres, que encontrou na Revalesciere o meio de resuscitar as forças vitaes e a digestão das creanças, que não podiam digerir e que vomitavam tudo, padecendo ao mesmo tempo de diarrheia, espasmo, caimbras, e morrendo a pouco e pouco.

Os inculcaveis beneficios proporcionados por este delicioso alimento ás creanças fracas dos Estados-Unidos, mereceram-lhe um premio na exposição universal de Nova-York.

Poderiamos acrescentar milhares de curas da diarrheia, bronchites, tosse, tísica, caimbras, espasmos e rachitis, demonstrando o beneficio incalculavel d'este precioso alimento salvador, não só para as creanças como tambem para os adultos, BARRY DU BARRY & C.ª, praça Vendôme, 26, Paris. — Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 réis; 1/2 kil. 800 réis; 1 kil. 13400 réis; 2 1/2 kil. 33200 réis; 6 kil. 63400 réis; 12 kil. 125000 réis.

A Revalesciere chocolateada do Barry, em pó, privilegiada por sua magestade a rainha de Inglaterra, pelos mesmos pregos.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz, e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos, —Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm., Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28. — Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Baharia, Viuva Desires Rahir, rua de Cedeiteira 92, J. R. de Sequeira, rua da Banheira 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Loyos 36.—Vianna do Castello, Afonso, droguista.—Villa Real Julia da Silva, droguista.—Vizeu, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres.—Povoa do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Central: Srs. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo, 15, Lisboa. Deposito em Pernambuco: Ferreira, Maia & C.ª, rua Duque de Caxias. (E)

NOVA RELOJOARIA

Abriu-se na rua das Agoas n.º 92 A, onde se vendem e concertam relógios por preços modicos. Garante-se a perfeição do trabalho. (d-140)

MACHINAS DE COSTURA

Na rua das Agoas n.º 92 A, ha uma pessoa competentemente habilitada para dar lições de machina e concertal-as. Preços modicos. (d-141)

MUITA ATENÇÃO

Carlos Antonio Ribeiro, negociante, morador na rua de D. Pedro V, d'esta cidade certo de que não é devedor na cidade de Braga de dinheiro ou valor do mesmo a pessoa alguma, ou corporações: todavia por este annuncio convida a toda e qualquer pessoa que se julgue com direito a alguma divida, apresente a conta em sua casa para lhe ser paga á vista.

Outro sim faz saber á todas as pessoas das suas relações ou não relações, que sem escripto seu não deem cousa alguma sejam seus criados ou não, pena de lhe não ser paga.

Braga 10 de Novembro de 1873. (c-142) Carlos Antonio Ribeiro.

DECLARAÇÃO

Manoel José de Faria Junior, proprietario do café Bracarense estabelecido de baixo da arcada do campo de Sant'Anna d'esta cidade, previne expressamente ao publico e todos os seus correspondentes que o seu nome é o que acima se achá indicado, e por isso que lhe consta que n'esta terra ha mais que um individuo que se chama Manoel José de Faria, declara solememente por meio d'este annuncio que protesta contra todo e qualquer abuso que se dê proveniente de haver em Braga nomes eguaes para clareza do que se assigna com o nome que usa em todos os seus contractos.

Braga 15 de Setembro de 1873. (f-145) Manoel José de Faria Junior.

FOLHINHAS BENEDECTINAS

Acham-se á venda, para o anno de 1874, no escriptorio d'esta typographia, rua Nova n.º 3, no Porto na casa costumada. Preço 240.

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1873